

Roda de conversas – Excelência acadêmica é a diversidade

A conversation – Academic excellence is diversity

PETRONILHA BEATRIZ GONÇALVES E SILVA*
NARA MARIA GUAZZELLI BERNARDES**



RESUMO – Em roda de conversas, professores e pesquisadores de universidades nacionais, do Mali e dos Estados Unidos, trocaram idéias, levantaram indagações e ensaiaram encaminhamentos visando à redefinição do que seja excelência acadêmica, na perspectiva da diversidade social e étnico-racial que compõe as sociedades.

Descritores – Diversidade; excelência acadêmica; ações afirmativas.

ABSTRACT – In an informal plenary conversation, Brazilian teachers and educators and scholars from the national universities of Mali and the United States exchanged ideas, raised questions and sketched procedures aiming at the redefinition of what academic excellence means under the perspective of the social and ethnic-racial diversity that make up their respective societies.

Key words – Diversity; academic excellence; affirmative actions.



INTRODUÇÃO

As organizadoras do dossiê temático do presente número da revista Educação, que versa sobre educação e diversidade, em parceria com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), realizaram no dia 18 de setembro de 2006, no Teatro de Bolso da UFSCar (São Carlos, SP), uma Roda de Conversas com o objetivo de questionar, buscar definições,

* Professora Titular de Ensino-Aprendizagem – Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal de São Carlos. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da mesma universidade. Conselheira, mandato 2002-2006, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação. *E-mail*: dpbs@power.ufscar.br

** Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *E-mail*: narabern@puers.br
Artigo recebido em: setembro/2006. Aprovado em: dezembro/2006.

esclarecimentos e encaminhamentos a respeito da questão – excelência acadêmica face à diversidade – que vem mobilizando os meio universitários, diante das pressões de jovens e adultos de grupos populares, negros e indígenas para ingresso no ensino superior.

Esta atividade situa-se no contexto das novas demandas que se colocam para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), particularmente para a Faculdade de Educação que no ano de 2006 criou um Curso de Pedagogia com ênfase em Educação Popular, a partir da solicitação que se originou na Associação de Educadores Populares de Porto Alegre em parceria com o Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e do Adolescente e com o Conselho Municipal de Educação. Na UFSCar, situa-se no contexto de encaminhamento para decisão dos colegiados superiores de Programa de Ações Afirmativas dirigido a oriundos de escolas públicas, a negros e a indígenas.¹

A Roda de Conversas é um meio profícuo de coletar informações, esclarecer idéias e posições, discutir temas emergentes e/ou polêmicos. Caracteriza-se como uma oportunidade de aprendizagem e de exploração de argumentos, sem a exigência de elaborações conclusivas. A conversa desenvolve-se num clima de informalidade, criando possibilidades de elaborações provocadas por falas e indagações. No caso desta Roda de Conversas, o ambiente físico do Teatro de Bolso, no qual o palco e a platéia formam um círculo, propiciou condições privilegiadas para as trocas. A Roda de Conversas foi coordenada pelas professoras Petronilha e Nara, cuja função consistiu em provocar a conversa por meio de três perguntas desencadeadoras de manifestações.

Para apresentar considerações sobre o conceito de excelência acadêmica, sua abrangência, estratégias para avaliá-la, defini-la, redefini-la face às exigências do progresso das ciências, aos objetivos das instituições universitárias, às novas demandas dos diferentes segmentos sociais, foram convidados os seguintes professores doutores: Joyce Elaine King (Georgia State University/USA), Mwalymu Shujaa (Medgar Evers College – University of New York/USA), Hassimi Maiga (Université du Mali), Sheila Mar Baptista Serra (Departamento de Engenharia Civil – UFSCar), Valter Roberto Silvério (Departamento de Ciências Sociais – UFSCar), Pedro Manuel Galetti Júnior (Departamento de Genética – UFSCar), Fábio A. Durão (UNICAMP), responsável pela tradução e versão inglês-português. A platéia foi constituída pela Vice-Reitora da UFSCar, professora doutora Maria Stella de Alcantara Gil, pelo Diretor e Vice-Diretor do Centro de Ciências Humanas, os professores doutores Valdemir

Miotello e Arthur Autran Franco de Sá Neto, pela Chefe do Departamento de Metodologia de Ensino, professora doutora Aida Victória Garcia-Montrone, pela coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, professora doutora Lucia Maria de Assunção Barbosa, pelos professores doutores Carlos Ventura D'Alkaim do Departamento de Química, Francisco Alves (Chiquinho) do Departamento de Engenharia de Produção, pela representante da Prefeitura Municipal de São Carlos, professora Regina Conceição, pelo professor doutor Saddo Ag Almouloud da PUCSP, pela professora Vanderli Salatiel, pelo sociólogo Casemiro Paschoal da Silva, dirigente do Grupo de Cultura Afro-Brasileira Congada de São Carlos, além de estudantes, outros professores, técnicos-administrativos, militantes do movimento negro e outras pessoas interessadas.

CAMINHOS DA CONVERSA

Petronilha – Boa tarde! É um prazer recebê-los para esta Roda de Conversas. Após a formulação de cada uma das perguntas, os convidados, na ordem que o desejarem, com o estilo de se expressar próprio de sua área de conhecimento e seu jeito de ser, apresentarão suas considerações. Na seqüência, os participantes da platéia farão suas intervenções. Todos sintam-se à vontade. Nós estamos querendo mesmo é conversar. Então, quem quiser começar...

Nara – Boa tarde! Eu desejo inicialmente agradecer a acolhida que a proposta teve por parte da Universidade Federal de São Carlos, agradeço do fundo do coração. Petronilha e eu elaboramos algumas questões para desencadear a conversa. A primeira é a seguinte: *Excelência acadêmica*, do que é mesmo que estamos falando? A UFSCar e a PUCRS parceiras neste evento, assim como aquelas universidades de onde provém os colegas que se dispuseram a conversar esta tarde têm sido apontadas como instituições de excelência acadêmica. A UFSCar com o propósito de assumir radicalmente compromisso com produção científica e com formação de profissionais e, também, com compromisso social está buscando garantir que o sistema de ingresso de estudantes contemple a representatividade de negros, indígenas e de pessoas de grupos populares. Essa proposta tem sido veementemente rechaçada. No entender de seus críticos, a diversidade étnico-racial e a presença mais numerosa de pessoas de grupos populares na universidade prejudicaria a excelência acadêmica que “baixaria de nível”. Então cabe perguntar: O que é mesmo excelência acadêmica?

Joyce – Boa tarde. Essa pergunta me diz respeito tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional. Eu fui uma daquelas alunas originárias de família muito pobre e que conseguiu frequentar uma das universidades mais importantes dos Estados Unidos – a Universidade de Stanford. Quando eu a frequentei, havia outros 10 alunos negros junto comigo, o currículo em que nos formávamos, nos oprimia enquanto negros. Desde então a Universidade de Stanford se tornou uma universidade mais diversificada, onde a educação, conforme se diz, é para todos.

Eu queria começar minha participação nesta conversa, com uma citação que explica porque a diversidade diz respeito a todos. Um dos estudiosos mais importantes da Cultura Negra, nos Estados Unidos, DuBois, disse o seguinte: “a degradação dos homens e das mulheres, tem um custo tanto para aqueles que são degradados quanto para aqueles que degradam”. Considerando o conteúdo desta afirmativa, a excelência acadêmica na universidade tem, pois, de ter como referência a presença de todos, negros, indígenas, brancos..., é para a sociedade como um todo.

Hassimi – Boa tarde. Sou originário do Mali, na África Ocidental. Sou professor e pesquisador, o meu campo de pesquisa é educação dos povos africanos do mundo inteiro. A educação de que estamos tratando nesta Roda de Conversas foi levada a nós africanos pelos europeus, por meio da escola. Isso aconteceu não somente nos países africanos colonizados, mas também nos Estados Unidos e no Brasil. Assim, quando se fala de educação, tem-se em mente educação primária, secundária, superior. Em outras palavras, o que a gente entende por educação é a educação formal, predominantemente instrução, a realizada nas escolas. Quando a maioria das pessoas diz educação está se referindo a processo de instrução relacionado ao domínio de determinado assunto/tema, ensinado nas escolas. Assim, quanto mais escolaridade você tiver, melhor conseguir dominar determinados assuntos, mais você é considerado um especialista neste ou naquele assunto. E isso é o que, hoje, se tem chamado de excelência acadêmica. Mas, nesse processo de instrução do especialista, o ser humano, o ser social, é deixado de fora. Ora, temos que convir que educação tem a ver mais do que com instrução; tem a ver com o domínio de si próprio. O domínio de si próprio revigora a idéia de conhecer a si próprio: quem você é? quem é sua família? como é o seu país? Este aspecto, o domínio de si próprio, tem sido ignorado na prática da educação. É por isso que, mesmo havendo Universidades em todas as partes do mundo, a educação está em crise. Os currículos não são flexíveis o suficiente para

Educação

integrar todos os povos. Por isto nós temos muito que fazer como pesquisadores.

Mwalymu – Boa tarde. Eu tive o privilégio de ter sido o orientador de 19 teses de Doutorado. Doutorado é um diploma final, representa o grau último, a ser conquistado na vida acadêmica, de excelência acadêmica. Uma vez, um de meus doutorandos, professor de uma boa universidade, procurou-me logo após eu haver cortado o cabelo; até então usava um longo *hastafari*. Ao abrir a porta de minha sala, saudou-me com a expressão: “Que belo cabelo!”. Vocês sabem o que significa ter um bom cabelo ou um cabelo ruim nas comunidades negras nos Estados Unidos? O cabelo encaracolado, mais próximo do cabelo negro, é considerado cabelo ruim; o cabelo que é fino, que é liso, o cabelo do modelo europeu, é considerado o cabelo bom. Vejam o que diz uma canção de *blues*: “Eu não quero uma mulher que tenha os cabelos como as gotas da chuva, mas eu quero uma mulher que tenha um cabelo como a crina de um cavalo”.

Como uma pessoa, próxima a obter o mais alto grau acadêmico, pode não ter consciência do seu próprio meio cultural? Essa pessoa é educada? Tem educação? Pode ser considerada uma pessoa educada aquela que não tem conhecimento algum a respeito da sua própria história cultural, mas está imbuída completamente da história cultural do grupo dominante, do grupo que ocupa a posição do poder? Isso aí é justamente o que aborda o livro, de 1933, de Cart Woodson, que foi a segunda pessoa, o segundo negro, nos Estados Unidos a obter um Doutorado.

Pedro – Boa tarde. Eu sou o Pedro Galetti, do Departamento de Genética. Eu confesso que quando fui convidado para participar fiquei extremamente temeroso de não poder sequer falar. De não ter absolutamente nada a dizer aqui sobre esse tema, porque não sou estudioso do assunto. Eu confesso que muito pouco tenho lido e experienciado sobre o tema, mas essa primeira questão me chamou a atenção. Eu na verdade já havia pensado sobre isso, se fosse indagado sobre excelência acadêmica, com questões relacionadas à etnia, o que eu poderia dizer? Embora não sendo geneticista humano, não é do meu conhecimento que haja algum bom trabalho, cientificamente de peso, que demonstre a existência de alguma diferença intelectual, de inteligência, de memória ou até mesmo de comportamento, que possa dividir a raça humana pelas etnias. Há sim, obviamente, diferenças raciais relacionadas aos alelos que flutuam nas populações, mas nesse ponto em particular, com esse tipo de abordagem que significa ter uma pessoa mais capacitada do que a outra, sob o ponto

de vista exclusivamente da genética não há nada. Absolutamente nada, que permita uma discussão desse tipo. No entanto, como geneticista, me soa muito estranho, alguém querer discutir excelência acadêmica *versus* diferenças raciais ou diversidade racial. O que pode haver, talvez... E isso seguramente há, é que algumas etnias, dadas suas características histórico-culturais, têm um conhecimento tradicional que, com certeza, enriqueceria a excelência acadêmica de qualquer universidade. Nesse sentido, talvez reconheça algum papel das diferenças étnicas na excelência acadêmica.

Mas em outro aspecto, o que nós estamos abordando aqui, eu não vejo como discutir este tema, eu não acho que haja diferenças étnicas em relação a isso. É claro que, não precisa ser especialista para saber que há, sim, diferenças de aprendizado. Não de facilidade de aprendizado, mas de oportunidades de aprendizado nas diferentes camadas sociais. Isso é óbvio! Eu acho que todos nós que em algum momento pensamos nisto... Obviamente este aspecto é o que nos vem à mente.

Então, se nós discutirmos aqui excelência acadêmica perante as diferenças sociais eu acho que aí sim nós podemos encontrar algum caminho para transitar. Não que as camadas menos favorecidas sejam menos excelentes, mas é que elas têm obviamente, seguramente, menos oportunidades. E eu acho que é por isso que está todo mundo aqui reunido, para tentar buscar espaço para que isso deixe de existir, especialmente no Brasil.

Então, realmente... eu ouvi os três colegas que me antecederam e todos eles abordaram questões sobre a excelência acadêmica e expressaram a concordância de que é preciso incluir e de que não há nada que possa efetivamente demonstrar que essa inclusão leve a um prejuízo da excelência acadêmica. Eu diria o seguinte: Eu não consigo; eu, Pedro Galetti, não consigo nem sequer iniciar uma discussão colocando excelência acadêmica *versus* a diferença racial ou a diversidade racial. Porque não vejo correlação, isso é uma correlação zero, beirando ao zero porque não tem absolutamente nada a ver, pelo menos demonstrado sob o ponto de vista... Eu não sei se, sob o ponto de vista social, tem algum trabalho nessa direção, mas seguramente sobre aquilo que nos é mais fundamental que são os nossos genes não tem absolutamente nada.

Sobretudo, é bom que se diga, que esse tipo de análise genética é muito simplista e também muito equivocada. Eu não quero transformar a minha fala aqui em uma análise de geneticista, até porque, especificamente, essas características complexas relacionadas ao aprendizado e ao desenvolvimento sociointelectual têm um vetor social extremamente grande.

Então a questão social talvez seja mais importante do que a questão racial, porque a raça se define pelos genes, mas como esses genes se expressam se define pelo meio, pelo ambiente. Então, eu diria o seguinte: se há algo que de fato pode modificar a excelência acadêmica, esse algo se deve muito mais ao ambiente do que à base genética, porque sob esse aspecto somos realmente muito parecidos e todos muito iguais. Bom, eu não sei se eu fui compreendido?!

Sheyla – Boa tarde a todos. Meu nome é Sheyla, sou professora aqui da Federal de São Carlos, desde 1994. Há 3 anos sou Coordenadora do Curso de Engenharia Civil, e há dois anos sou representante do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da nossa Universidade. Eu acho que essas minhas duas últimas experiências me colocaram em evidência para poder estar aqui, pela participação que eu tenho tido na Universidade. Eu não sou estudiosa do assunto, mas agradeço o convite, a oportunidade de estar colocando aqui um pouco do meu sentimento em relação a esse assunto e um pouco da experiência que a gente tem tido em estar discutindo nesses órgãos colegiados dos quais eu faço parte. Discutir excelência acadêmica na Universidade Federal de São Carlos me parece bastante fácil, porque aqui é, reconhecido nacionalmente, um local de excelência acadêmica. Estou enganada? Quem discorda? Mas se a gente colocar o dedo na nossa ferida, pois apesar de sermos reconhecidos, temos alguns problemas. E esses problemas eu percebo enquanto professora, enquanto pesquisadora. Nós temos um nível muito bom, mas nós enfrentamos problemas e esses problemas que nós enfrentamos, muitas vezes, estão servindo de pano de fundo ou de pretexto para discriminar as Ações Afirmativas. É isso que eu entendo, como pessoa. Os problemas que a gente tem encontrado aqui e são os que nos levam a estar refletindo mais tempo sobre esse assunto, são problemas que já existem e cujas soluções podem ser melhoradas. Em relação, por exemplo, à permanência na Universidade. Nós já sabemos que a Universidade é formada por jovens que têm problemas financeiros e que dependem da Universidade para se manter. A Universidade procura resolver e resolve, na medida do possível, mas nossos alunos receberam as bolsas somente em maio. Eles ficaram três meses impossibilitados de estar tranquilos, fazendo os cursos, desempenhando nas disciplinas, fazendo as provas. Como consequência, o que a gente tem? Têm índices de reprovação altíssimos. Nós temos um programa de apoio acadêmico, a tutoria, há dois anos, e tem funcionado bem. Tem o potencial muito grande de aumentar o seu alcance; já atingiu um índice de aprovação da disciplina de Cálculo I, de 54%. É excelência acadêmica? É. Os alunos que estão aqui passaram

Educação

pelo crivo do vestibular. Hoje eu fiz enquete na minha sala de aula, dos presentes só dois não tinham feito o cursinho, um estudou no COC e o outro estudou no Objetivo.

Para poder ver onde a gente quer chegar nessa discussão, nós estamos aqui representando diferentes Centros. Eu represento um grupo de discussão que foi montado no Centro de Ciências Tecnológicas com oito pessoas, para discutir o planejamento mais adequado ao Programa de Ações Afirmativas da UFSCar. A gente discorda que está sendo veemente rechaçado este programa, mas acho que tem que ser veementemente discutido, porque o papel da instituição democrática tem que ser este: discutir para poder depois decidir com base no voto, na opinião da maioria. É esta que tem que ser a discussão.

Valter – Boa tarde a todos, boa tarde a todas. Eu gostaria de agradecer o convite. Eu sou Valter, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. Eu queria começar dizendo que especialistas na discussão sobre excelência acadêmica, eu avalio que são poucos. Em seguida me pergunto o porquê da discussão sobre excelência acadêmica. Em nosso país, a excelência acadêmica, é, de alguma maneira, uma criação no nosso sistema de Pós-Graduação, a partir dos anos 70, quando se dá início, como processo sistemático, a mensuração da produtividade das instituições e dos seus pesquisadores. E o que é considerado excelente é aquilo que na verdade atende à agenda das pesquisas das agências de fomento nacionais e internacionais. Eu penso que essa discussão sofreu uma inflexão, a partir de 1983, quando o documento intitulado “Nossa Diversidade Criadora”,² escrito por Javier Perez de Cuellar, então membro da Organização das Nações Unidas, levanta a questão do desenvolvimento e de como o desenvolvimento havia sido pensado até a década de 70, quando ocorreu a chamada “crise mundial”. Durante todo o século XX, se fortalece uma idéia de desenvolvimento colada à idéia de progresso, que por sua vez é ligada à idéia de Ocidente, especialmente do Ocidente Europeu e Norte Americano. Então, toda a discussão sobre excelência acadêmica que temos é voltada para esse tipo de desenvolvimento que exclui vários saberes. Quer dizer, é um único saber e uma única noção de progresso que vigora. Isso só se altera quando, em 1983, sai esse documento que faz um balanço crítico, salientando que toda a ciência voltada para o desenvolvimento, chegou a ponto de ser absolutamente excludente de várias populações e de vários saberes. A partir daí, a reflexão sobre excelência acadêmica passa a se alterar.

Educação

E como um pontapé inicial na nossa Roda de Conversas, proponho que se discuta a própria idéia de universidade. Pois a universidade, tal como a conhecemos, está sendo posta em questão. Esta Universidade que nós consideramos excelente academicamente é uma Universidade que se constituiu durante, especialmente o século XX, excluindo uma pluralidade de saberes. Diante disso, autores contemporâneos, estão fazendo essa reflexão, como, por exemplo, Boaventura de Souza Santos que tem nos chamando atenção no sentido de que o século XXI seja o século da pluriversidade e não mais da universidade. Ou seja, que a universidade que é excelente no ponto de vista acadêmico, tem que ser plural, tem que acolher e conter diferentes saberes.

Eu gosto muito dessa proposta de Boaventura, porque talvez seja essa a possibilidade de a gente pensar uma forma de ciência e desenvolvimento que sejam especialmente inclusivos. E creio que no Brasil, nos Estados Unidos, na África do Sul, na Índia, que são quatro países em que há muita pluralidade étnico-racial, esta questão está colocada. Está posta de maneira contundente, de um lado, dado o grau de exclusão social que existe nesses países; de outro, em virtude do potencial de desenvolvimento acadêmico científico que também está ali presente e é ignorado. Então, como se vê, é um grande desafio nós construirmos uma universidade que de fato dê vazão a este conhecimento que está, digamos, em potencial, mas que nós não conseguimos desenvolver. Nós conseguimos apenas desenvolver um único tipo de conhecimento e ele não tem sido suficiente para incluir o conjunto da população, nestes estados nacionais.

Ainda quero dizer que na minha opinião, o Galetti levanta uma questão importante. Antes de mais nada, saliento que tenho uma concordância de fundo com os argumentos do professor Galetti. Mas, tenho de destacar que foram necessárias quatro declarações da UNESCO, no decorrer de quase 20 anos para que a gente pudesse ter, por meio de uma Declaração, o reconhecimento de que as diferenças raciais, as diferenças étnico-raciais inatas foram transformadas, ao longo do processo colonial, em diferenças, em desigualdades efetivas... Foi preciso uma declaração internacional para que passassem a ser questionadas.

Eu acho que a gente vive um drama na atualidade. Ao mesmo tempo que nós sabemos que os fatores genéticos são condicionados aos fatores sociais, nós ainda trabalhamos com uma imagem construída pelo processo colonial de que os fatores genéticos são inatos e são a razão das nossas desigualdades. Então, eu penso que esta tensão opera naquilo que nós pesquisadores estamos chamando, pesquisadores desta área, de racismo

institucional. O racismo institucional se operacionaliza, por exemplo, através do currículo escolar, em qualquer nível de ensino.

Joyce – Quero dar dois exemplos de diversidade de pensamento e de conhecimento, para provar que a diversidade étnico-racial, ela é a excelência. Quando a gente pensa na China, a primeira imagem que tem é que não há diversidade. Em 1987, estive na China e fui visitar um curso de formação de professores em Pequim. Estavam presentes professores dos 57 grupos de minorias da China, grupos que falam uma língua própria e que têm uma cultura própria. Representantes destes 57 grupos estavam no Instituto Nacional de Formação de Professores, para aprender a cultura dominante, voltar para as suas comunidades e ali ensinar. Mas ensinar de acordo com a própria cultura de cada um. Eles, durante o curso, vestiam as roupas próprias de seus grupos. Fisicamente eram parecidos uns com os outros, mas eram diferentes, embora fossem todos chineses. O segundo exemplo é o de uma Escola de Medicina nos Estados Unidos. Os médicos recebem dois diplomas, o outorgado pela Universidade da Califórnia e um segundo concedido pela comunidade. Tem uma Escola de Medicina, em Los Angeles, a Universidade de Carls True, que é uma Escola de Medicina historicamente negra. Assisti a cerimônia de formatura. Havia entre os concluintes do curso, afro-americanos e mexicanos-americanos. O decano disse para eles: Vocês receberam ontem um diploma, o da Universidade da Califórnia, mas vocês ainda não estão prontos. Somente estarão prontos para servirem a comunidade quando a comunidade, ela mesma, der para vocês um diploma.

Há quem pense que diversidade diz respeito apenas aos negros; que teria sido inventada, a diversidade, para beneficiar a comunidade negra. No entanto, pode-se ver que a diversidade, no caso da escola de medicina que referi, é um grau maior de excelência. Melhor dizendo, só pode ser considerada excelente a formação dos médicos, se estes forem capazes de utilizar o que aprenderam, em diferentes comunidades, se forem capazes de dialogar, para orientar pessoas de grupos populares, de diferentes pertencimentos étnico-raciais, e inclusive para com elas aprender. É a atuação nessas comunidades e sua capacidade de com elas interagir, a prova definitiva da excelência da formação recebida.

D'Alkaime – Creio que nós, na UFSCar, somos referência acadêmica para o Brasil e para a América Latina, mas agora para o mundo não sei se somos uma referência acadêmica; mas isso é um outro problema. Estamos falando, neste caso, em referência acadêmica dos professores. Quando as

peças se opõem à adoção da política das cotas, aqui na universidade, me parece que se referem a um fato bem concreto; eles pensam que os alunos que vão vir não poderão seguir os cursos desta Universidade.

Na realidade, quero ser franco, se eu tomo seriamente o preparo dos alunos, melhor dizendo, se não trato de suprir deficiências ou dificuldades dos alunos quando chegam ao meu curso, reaprovo mais de 50%, reaprovo até mesmo 80%. No entanto, sou a favor das cotas.

Vou me explicar. Qual é o problema dos meus alunos? A base que eles têm não é um problema dos mais sérios. O que querem fazer da vida? Esta é uma questão central, no meu entender. A maioria dos meus alunos não tem a menor idéia do que querem fazer da vida. O que eu espero, se adotarmos a política das cotas é receber outros tipos de pessoas. Qual é esse tipo? São pessoas das classes populares, oriundas das escolas públicas. Haverá, assim uma mudança na composição do nosso alunado, começará haver maior número de estudantes que vem da escola pública. Hoje, conforme levantamento feito pela Comissão de Ações Afirmativas da UFSCar, a maior parte de nossos alunos cursaram o ensino médio em escola privada. Isto tem de ser invertido, pois somos uma universidade pública.

Eu noto nos meus alunos, eles provêm da classe média, classes média e alta. Eles não sabem o que querem da vida. Como vou ensinar algo para um cara que não sabe o que quer fazer? O que pretende fazer da sua vida no futuro? Eu disse, outro dia em um debate: “Por favor, me dêem um aluno que tenha um projeto, eu o transformo, eu o ajudo para chegar lá”. Ora, se me dão um aluno que não sabe o que quer fazer da vida, não dá para transformá-lo em nada, não dá para ajudá-lo a se formar.

Nós teremos que adotar as cotas, porque nós temos um sério problema na Universidade Federal de São Carlos e em outras universidades, mas eu me preocupo com esta, pela qual luto e vivo. Que é o seguinte: existe a possibilidade de se nós abrimos para as cotas, o ingresso de outros tipos de alunos. Hoje, são poucos os que vêm das classes populares. Me desculpem para aqueles que se ofendem com este tema, que se incorporam aos ideais das classes que hoje predominam na universidade.

Eu venho notando, particularmente entre alunos que oriento na iniciação científica, o desejo de se transformar em classe média. E se transformam em classe média, mesmo que não tenham dinheiro para comer todos os dias.

Nós necessitamos aumentar o número de estudantes das classes populares, para quê? Para que os caras mantenham sua história e nós, então, vamos ter excelência acadêmica assim. Mas falando o que em excelência acadêmica. A nossa excelência acadêmica são os nossos estudantes.

O que temos que discutir em relação às cotas não é a excelência acadêmica nossa de professores. A mim, me parece extraordinário os comentários que foram feitos sobre a modificação da universidade para pluriversalidade. Mas o que temos que discutir aqui é sobre as cotas e para vencer a luta para que as pessoas se convençam das razões objetivas que levaram a universidade a buscar aprovar, pelos órgãos superiores, esta política. O que vai ocorrer com esse cara das classes pobres que entrar, vai querer subir na vida, vai querer aumentar sua capacidade, vai querer algo, viver por algo. Vai querer agir melhor, com mais competência, então vou poder ensinar, como muitos de nós vão poder. Então, é por isso que as cotas têm que ser abertas, está certo?! E não nos enganemos, isso é um problema paliativo, mas tem que ser paliativo, para corrigir desigualdades históricas. As coisas têm que se resolver a fundo, pouco a pouco. No momento, não serve lavar as mãos e dizer: “Não, vamos resolver amanhã!”. Já faz muitos anos que vamos fazer a reforma agrária amanhã. E terminar esta intervenção quero citar um maravilhoso romance de Silvina Bulrich, uma escritora argentina, intitulado “Mañana, digo basta!”. Nesta obra, ela destaca que amanhã não existe, o único que existe é o hoje. Gostaria de abrir as portas da universidade, hoje! Novas caras na universidade! Novas caras que vêm de outras camadas sociais e raciais! Vai ser fundamental que negros – pretos e pardos -, que índios, que pobres estejam aqui. Assim, vamos transformar a composição social dos estudantes da Federal de São Carlos sem a qual... para que serve esta qualidade acadêmica? Qualidade acadêmica que não serve para construir um país, pessoas, comunidades não serve para nada.

Chiquinho – É o seguinte, a minha questão... eu costumo conversar com os meus alunos, sempre, sobre a maravilha do que é ser humano. Tem uma questão muito importante: todos nós somos igualzinhos, temos dois olhos, uma boca, um nariz. E também somos completamente diferentes, não tem um igual ao outro. Então, ai está, ao mesmo tempo, a glória e a desgraça do ser humano. Porque é uma glória ser diferente. E eu fico pensando o que é excelência acadêmica, quando eu acompanho a maior parte dos professores de pós-graduação na universidade, que eu conheço, neste país, que prioriza o igual. Se a gente fizer um levantamento dos programas de pós-graduação dessa Universidade e dou mais um exemplo da USP. Eu estive em duas festas super importantes da USP, aqui de São Carlos, foram os 40 e 50 anos da USP nesta cidade. Todos os professores que foram homenageados foram os professores que fizeram toda a sua carreira acadêmica na USP: graduação, mestrado e doutorado. Não foi mais

porque lá não tem pré-escola. Se a gente fizer um levantamento aqui nos programas de pós-graduação, a quantidade de alunos que são... que fizeram também graduação com a gente, iniciação científica com a gente, mestrado e doutorado é um número surpreendentemente alto em todos os programas. Como se vê, a gente pratica uma discriminação do diferente, quer dizer, qualquer pessoa que não é igual, porque não tem o privilégio de se formar nesta universidade tem menos chance de entrar no nosso programa de pós-graduação, porque é uma pessoa de fora. Isto acontece em todos os programas. Então, eu fico pensando, será que nós temos a capacidade de sermos excelentes academicamente quando produzimos somente o igual? Igualzinho a gente.

Tem aluno meu para quem afirmo: “Eu não te aceito no doutorado, porque senão você vai ser formado em Chiquinho”. E ele não tem nenhuma capacidade de pesquisar sozinho, de pensar sozinho. Um pouco na direção do D’Alkaime que falou: “O que ele quer?” “Qual é o seu desafio para fazer pesquisa?” Não sabem. Eles esperam que a gente responda essas perguntas para eles. E a gente faz isso, porque está pressionado para ser excelência acadêmica. O que, na fala do Valter ficou claro, significa que a gente tem de produzir mais, que tem de gerar mais e mais resultados esperados. Isto significa que a gente tem de publicar e publicar em uma determinada direção, naquela que é preciso seguir para ter os artigos aceitos. Para conseguir ser aceito para muitas publicações, a gente vai aceitar alunos cada vez mais iguais.

Portanto falar, nesta universidade, que a gente vai colocar cotas, significa que vai expandir. Virão alunos da rede pública com diferencial étnico-racial e as pessoas se assustam com isso: “Peraí, a excelência acadêmica vai cair!” Por que a excelência acadêmica tem que ser medida pelo igual? Por que os diferentes ameaçariam a excelência acadêmica? E eu acho que a gente está buscando a diferença, para ser excelente. Para ser excelente tem que ser crítico, e a gente não está formando pessoas críticas. Se elas são iguais, qual é a crítica que vão fazer? E a ciência só avança quando tiver crítica, e a gente está aí produzindo a igualdade, a não-crítica, a ausência de crítica.

Petronilha – Agradeço aos professores D’Alkaime e Chiquinho. E formulo a segunda pergunta desta roda de conversas. A excelência acadêmica tem sido avaliada com base em critérios epistemológicos e teóricos, mas também ideológicos. Os Movimentos Sociais, particularmente nos últimos anos, lutam pela inclusão de critérios sociais e étnico-raciais. Não se trata de propor critérios de caráter assistencialista, mas que

sejam oriundos da inserção da Universidade na realidade social em toda a sua amplitude. Ou seja, a excelência acadêmica não deve basear-se unicamente na realidade determinada por um grupo social, um grupo étnico-racial que se quer superior hegemônico, dominante. O que universidades, consideradas de excelência acadêmica, devem levar em consideração se não quiserem permanecer desvinculadas da sociedade em toda a sua diversidade?

Hamissi – Essa questão é muito importante porque ela nos leva a pensar em todos os graus da educação, do primário até a educação superior, como ancorados, embasados na sociedade. Até hoje, a escola sempre preocupou-se em lidar com o aspecto epistemológico, a epistemologia sempre esteve no cerne do currículo. Mas a epistemologia é apenas parte do desenvolvimento humano. O que dizer da ontologia? A ontologia está relacionada ao desenvolvimento do próprio ser humano. A ontologia se preocupa com o que é, o que será essa menina ou esse menino. O que os aflige? Quais são os interesses dele, e os dela? Isso é muito importante e tem de ser levado em consideração, ao se discutir excelência acadêmica.

O que fazer com o aluno que está dormindo em sala de aula, que está com sono ou que não está interessado em algumas disciplinas? Por que essas matérias não estão tocando o aluno? Essas matérias estão mostrando para ele(a) como pode participar da sociedade? Da ciência? A matemática que é considerada universal, tem o lado humano a ser considerado, quando se pretende realmente ensiná-la. Se num livro didático de matemática, um estudante africano vê a imagem de um negro, ele se sente mais motivado a aprender a matemática, do que se ele vir apenas a imagem de um branco.

No Mali, no Curso de Química, foi incluído um personagem maliense no livro didático e todos os alunos ficaram interessados pela disciplina. Eles entenderam que aquela ciência também lhes dizia respeito. É por isso que nós sabemos que mesmo uma disciplina considerada universal deve ser humanizada, isto é, todos os grupos humanos, a começar pelas crianças e pelos jovens devem entender que lhes diz respeito, devem entender que dela não estão excluídos, e que também lhes cabe produzir conhecimentos naquele domínio.

Uma outra dimensão muito importante, para tratar de excelência acadêmica, é da axiologia. Quando as crianças vão para a escola pela primeira vez, no Mali, não sabem falar francês, eles não sabem como contar (1, 2, 3...) em francês. Mas eles sabem usar o dinheiro, pois sabem contar muito bem na sua própria língua. Apesar disso, os professores demoram um ano para ensinar-lhes a contar em francês de 1 a 20. É incrível! Então,

no Mali, quando chega à sala de aula, o aluno tem que colocar tudo o que ele sabe de lado, tudo que aprendeu do conhecimento prático próprio do seu grupo étnico-racial, e tem de começar do zero, no francês. Por isso tudo é muito difícil, uma vez que a escola não leva em consideração todos aqueles valores, todas aquelas experiências que os alunos já trazem das próprias comunidades. Eis o motivo pelo qual os alunos ficam completamente perdidos, confusos.

Espero, com estes exemplos, ter conseguido explicar porque considero que a educação, hoje em dia, não pode ser vista apenas na sua dimensão epistemológica, mas também na ontológica e na axiológica.

Mwalymu – Na direção do que disse o Hassimi, quero insistir na fragilidade da idéia de que haja apenas um conhecimento válido. Quando anteriormente contei a reação do estudante de doutorado diante de meus cabelos, pretendi justamente mostrar que uma pessoa pode estar muito bem educada em um tipo de conhecimento e estar muito mal educada em outro tipo. O professor Chiquinho e o professor Valter enfatizaram bastante a idéia da diversidade, que é importante a diversidade da e na universidade. Então, o que eu pretendo agora é problematizar essa questão intocável a respeito do conhecimento único, desse conhecimento ocidental, que está na base de todos os currículos de todas as universidades.

Essa discussão que estamos fazendo aqui, parte da pressuposição da existência de uma excelência acadêmica que estaria ameaçada se a UFSCar vier a adotar um programa de Ações Afirmativas, com reserva de vagas para estudantes negros, indígenas e economicamente carentes. Tal entendimento deve ser questionado, e ao fazê-lo se estará pondo em questão os fundamentos dos conhecimentos que servem de base para a constituição da própria universidade.

Conheço pessoas de tradições diferentes das européias, predominantes nas universidades, que vão para as salas de aula e que acabam assumindo a superioridade do ocidente europeu, subjacente nos discursos correntes na universidade. Neste contexto, forma-se a idéia de que haja uma periodicidade única para a história de toda humanidade. A Idade Média também chamada Idade das Trevas, o Renascimento, etc., vale para toda humanidade?! Sem o conhecimento da história dos povos da África, da Ásia, das Américas antes da chegada dos europeus, os estudantes ficam com a impressão de que o mundo inteiro entrou em uma era das Trevas, Idade Média. Quantos não são os alunos que aceitam que na chamada Idade Média européia, a humanidade toda estaria em trevas. No entanto, naquele

período, em outros continentes, várias outras sociedades e culturas estavam no auge da sua prosperidade.

Quantos de vocês conhecem o trabalho do Cheikh Anta Diop?³ Nós todos deveríamos conhecê-lo. Esse autor é muito importante, porque pôs em questão a idéia de que haveria apenas um berço único para o surgimento da humanidade, da civilização. Este importante estudioso de História, Antropologia, Arqueologia senegalês chamou a atenção para o fato de que a civilização egípcia que habitava o Vale do Nilo era anterior à européia e era negra. Esse trabalho de Anta Diop gerou uma comoção tão grande, um estardalhaço tão grande, que a UNESCO convocou uma reunião para se determinar se realmente o povo, a civilização egípcia era uma civilização negra ou não branca como até então se divulgara. Os protocolos de toda essa discussão foram publicados em uma coleção de 8 volumes da UNESCO sobre história da África.⁴ No entanto, ainda hoje, esse conhecimento não foi trazido para dentro da universidade. Pergunta-se: por quê? É surpreendente que, ainda hoje, quando a africanidade do Egito já foi amplamente reconhecida, seja muito pouco divulgada; que os trabalhos do Cheikh Anta Diop não estejam acessíveis. Isso, o desconhecimento desse pesquisador e dos resultados de seus estudos, pode ser constatado nesta sala, pois foi reduzido o número de pessoas que levantou a mão, quando perguntei se conheciam o autor e seus trabalhos. Este desconhecimento está relacionado àquilo que o professor Chiquinho falou em relação à endogenia dentro das universidades. Enquanto as universidades ficarem se perpetuando através de processo endogênico não vai acontecer difusão de outros conhecimentos, vindos de fora do pensamento ali dominante e dos conhecimentos ali valorizados. Então, para a universidade escapar dos esquemas que a aprisionam numa metanarrativa ocidental, terá de escapar de si própria e incorporar outras metanarrativas que possam contribuir para uma verdadeira excelência acadêmica, tanto dos alunos quanto da própria formação de seus professores.

Valter – Eu tive uma experiência recente no Ministério da Educação, durante um ano e meio. E durante esta experiência, eu acompanhei uma comitiva que foi até uma cidade na região de fronteira do Estado do Amazonas. Na oportunidade, no decorrer da cerimônia de inauguração de uma escola indígena, um nativo índio passava perto da comitiva e dizia o seguinte: “Mas se a tribo não ficar redonda não adianta nada!” Eu fiquei intrigado, só mais tarde é que eu fui compreender o que ele estava dizendo... Estava chamando a atenção: “Olha, não adianta vocês trazerem escolas, não adianta vocês discutirem a questão bilíngüe da educação indígena se a

nossa estrutura social não estiver representada de acordo”. Isto é, o sistema de organização do espaço físico e simbólico da tribo é um sistema circular, diferente daquele a que estamos acostumados nas cidades. Este fato me marcou profundamente, não adianta intervir para assimilar. A meta tem que ser dialogar, para crescermos juntos.

Eu acredito que as ponderações do Hassimi e também as do Mwalimi vão no mesmo sentido. No de que a epistemologia, os aspectos epistemológicos e teóricos dos conhecimentos que produzimos e dos que ensinamos na universidade são, o tempo todo, proclamados em função da excelência acadêmica. Agora, a ideologia que está por trás desses aspectos epistemológicos e teóricos que é uma ideologia que valoriza o ocidental e desqualifica o que não o é, nunca é posta em evidência, para ser criticada.

O que está em jogo hoje na UFSCar, ao ser discutido o Programa de Ações Afirmativas, a meu juízo, é exatamente isto: a possibilidade de você trazer para dentro da universidade, conhecimentos que até mesmo já foram apropriados por pesquisadores, mas o foram de uma maneira tal que os transformou, mas não no interesse do próprio grupo que os gerou. Passaram a ser centralizados por pesquisadores, pelas universidades e outros centros de pesquisa como se tivessem ali sido construídos. Não é a toa que um autor chamado Geoffrey Barraglouch escreveu um livro que se chama “A Europa e os Povos sem História”, no qual descreve o processo de colonização como um processo de apagamento da história desses povos, dos conhecimentos que haviam produzido. Os colonizadores apropriaram-se dos conhecimentos dos colonizados, passaram a divulgá-los como se fossem de seus construtores, e trataram de apagar ou esconder a sua real origem. Então nós estamos nesse nível, na verdade.

Então, é esse o processo que nós vivemos hoje na Universidade. A discussões em torno do Programa de Ações Afirmativas tem de avançar para além da questão de se os alunos ingressantes pelo sistema de reserva de vagas são bons ou não são bons; se os alunos têm mérito ou não têm mérito. O Programa de Ações Afirmativas da UFSCar, tal como está posto, abre a possibilidade de construirmos uma universidade, ou melhor, eu prefiro dizer pluriversidade, em que haja possibilidades de docentes e estudantes conhecerem experiências vividas e conhecimentos produzidos por várias civilizações existentes pelo mundo afora.

Convém lembrar que essa busca foi e tem sido intensa em diversas instituições nos Estados Unidos e que um autor importante chamado Harold Bloom, que escreveu sobre o cânon ocidental, critica veementemente as possibilidades de se pensar a diversidade no interior das universidades.

Exatamente porque reforça essa idéia de que existe um cânon e que fora daquele cânon não há a possibilidade de você ter outros saberes. No meu entender há um reconhecimento bastante explícito na comunidade internacional de que se incorporarmos essa diversidade constitutiva da sociedade nas universidades, as possibilidades de produção de conhecimentos que incorpore as diferentes populações do globo estará em questionamento. Porque todos os indicadores sociais demonstram que embora nós estejamos produzindo muitos *papers* (a maioria não no Brasil, pois somos responsáveis por apenas 1,5% desses trabalhos), todos esses conhecimentos ali divulgados não têm revertido em inclusão social e melhoria das condições de vida no mundo todo. Então, como se vê, há problemas com esse modelo de universidade, com essa produção do conhecimento.

Outra questão que eu gostaria de levantar diz respeito à necessidade de reconhecer que nossa produção do conhecimento é sempre muito lenta. Só agora começa a ser percebido que todo o processo de desenvolvimento no Brasil, sustentado por um certo tipo de produção de conhecimento, levou a uma concentração absurda de renda, a uma concentração absurda de pólos de produção desse conhecimento. E hoje se começa a discutir a importância de ter conhecimentos contextualizados. A idéia da produção de um conhecimento contextualizado, de uma formação contextualizada nada mais é do que o reconhecimento explícito de que esse saber, esse conhecimento desenvolvido no Brasil, nos últimos 30/40 anos pelos nossos sistemas de pós-graduação, deixaram de considerar a diversidade ecológica do país, de considerar a diversidade étnico-racial e de considerar, em última análise, a dimensão ontológica dos vários grupos que estão aqui presentes. Então, me parece que este é o momento sim, de a gente rever essa agenda de produção do conhecimento e de incorporar, a essa agenda, a pluralidade como uma dimensão, no seu fazer cotidiano.

É neste contexto que estamos há quase três anos incentivando a discussão com vistas a um Programa de Ações Afirmativas, aqui na universidade. Com discussões abertas, para que se possa aderir a essa escolha, com compromisso. Pois sem levar em consideração as necessidades que estão postas para o século XXI, em termos de pluralização do conhecimento, nós podemos estar incorrendo em problema da seguinte natureza: abrir para a pluralidade, mas manter um currículo, que é um currículo excludente, que exclui inclusive os alunos que já aqui estão. Basta ver a dificuldade que vários deles passam durante o curso, porque têm experiências anteriores diferentes daquelas que os currículos pretendem

que tenham tido. Então, no meu entender, a discussão sobre as ações afirmativas traz também a necessidade de rever os parâmetros pelos quais se tem pensando tanto a excelência acadêmica quanto o currículo. Isso é o que o debate sobre as Ações Afirmativas pode nos trazer de contribuição. Mas diferentemente de algumas posições, eu sou daqueles que não acredita ser necessário primeiro discutir o currículo, mudar o currículo para que depois abrir as portas, não. Eu acho que as portas devem ser abertas e é justamente essa população nova que vai trazer oxigênio para dentro da universidade, que vai levar à necessidade de alterações no nosso currículo.

Joyce – Temos que reconhecer que essas questões são muito difíceis. Quero reconhecer também que nos Estados Unidos esses problemas não foram resolvidos, não viemos aqui como especialistas com respostas para vocês. O que eu queria era fazer o contrário, fazer uma pergunta para vocês, no contexto brasileiro; é a mesma pergunta que estamos fazendo hoje nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, nós estamos vivenciando agora os efeitos posteriores à implantação de Programas de Ações Afirmativas, como se fosse um “tiro pela culatra”, um “efeito bumerangue” das coisas que estão sendo discutidas aqui. Esse “efeito bumerangue”, por assim dizer, não tem nada a ver com a identidade racial da pessoa. Têm negros, nos Estados Unidos, que são contra aquilo que nós estamos discutindo aqui hoje, porque eles pensam que suas próprias qualificações vão ser postas em dúvida. Isto quer dizer que todos nós temos que ser pensadores críticos a respeito da sociedade na qual nos inserimos.

O que quero questionar é o seguinte: Qual deveria ser o objetivo da educação numa sociedade como a brasileira que utiliza expressões como essa “*Dia de trabalho é um dia de branco?*”. Quando fomos do hotel para o restaurante onde almoçamos, vimos um homem negro na rua, deitado, muito sujo, com a barriga para fora, as roupas abertas e tão sujas que parecia que nunca tinha tomado banho na vida. Isso é mostra de *um dia de branco?* Isso eu estou perguntando para vocês. Ele não estava trabalhando, ele estava na rua sujo, deitado. Então, se o que vimos é parte da realidade que nós vemos aqui no Brasil, qual é o objetivo da educação dentro dessa sociedade? A questão para nós aqui é: para quem é a universidade? E para quê é a universidade? É para nos preparar para passar por cima do corpo desse homem negro que está deitado na rua? A universidade é para nos fazer mais humanos, a ponto de que fiquemos preocupados com essa situação?

Eu dou uma tarefa especial para os meus alunos: eles tem que achar alguém na comunidade para ser parceiro de aprendizado. A tarefa é explicar

para esse parceiro de aprendizado aquilo que eles estão aprendendo na universidade. E a tarefa também é ouvir o que a pessoa da comunidade tem a dizer a respeito daquilo que eles estão aprendendo na universidade, e os dois juntos avaliam o conhecimento do curso. Para avaliar, para determinar se aquele conhecimento da universidade está ajudando o aluno a solucionar os problemas da comunidade.

Sheyla – Vocês me desculpem, mas eu vou falar como engenheira, e como engenheira, às vezes, a gente sai um pouco da discussão. Eu estou gostando muito desse momento, da oportunidade de estar aqui aprendendo. Então eu gostaria de trazer uma outra visão.

Quando a gente fala da educação na sociedade, acho que a sociedade está bem atenta na questão da responsabilidade social. Algumas empresas começam a buscar selos que as façam ser reconhecidas como praticantes de ações de responsabilidade social. No Brasil nós temos a ABRIC (Associação Empresa Amiga da Criança) que coloca o quê? Um selo nos produtos daquelas empresas que se afiliam àquela associação. O selo mostra, garante que para aquela produção não foi utilizado o trabalho infantil, uma realidade presente ainda no nosso Brasil. Então nós podemos estar escolhendo um produto no mercado que tem o selo da ABRIC. Nas empresas, de um modo geral, está sendo adotado o selo de responsabilidade social. Esse selo, como já se viu, não contempla só a questão étnico-racial, mas também outras, como a questão de gênero, o que está levando à inclusão de mulheres nos quadros dessas empresas.

A professora Petronilha, em outra oportunidade, já comentou a questão de ser negra e de ser mulher. Então, o problema que a gente sente, que eu já senti na área da Engenharia, por ser mulher, não foi pequeno. Quando eu me formei, mulher não podia trabalhar em obra, porque achavam que trabalhando em obra ia tirar a atenção do operário. Então a gente não podia, só podia trabalhar em escritório. Hoje já se evoluiu, as vantagens de se trabalhar com as mulheres têm sido observadas e destacadas. Até na televisão brasileira se podem ver propagandas mostrando empresas que praticam a diversidade racial e a de gênero também. Assim sendo, a universidade não pode ser contra a diversidade. Em vista disso, o que a gente precisa é construir instrumentos de esclarecimentos e até de convencimento. Por quê? Porque às vezes as pessoas não estão sabendo ouvir a linguagem que a gente está falando. Dou um exemplo da minha área. Eu trabalho com a construção civil, operários da construção civil. Vocês sabem o nível de escolarização desses operários? Trabalhando com saúde do trabalhador, em segurança e saúde

Educação

do trabalhador, nós vimos recentemente nos jornais notícia sobre um operário que estava no andaime e jogou uma bituca de cigarro dentro de uma lata de tinner. O que aconteceu? Explodiu, o cara voou, e o companheiro também porque não estava amarrado. Com esse exemplo, quero ilustrar o tipo de problema que a gente encontra na construção civil. Às vezes não se consegue ter uma conversa com esse trabalhador, uma conversa que o leve a realmente entender o que precisa ser feito. Claro que isso não é somente problema dos trabalhadores, mas também há empresários que não reconhecem a importância das práticas de segurança, de saúde do trabalhador. Mas não se pode deixar de reconhecer que há o problema da dificuldade de comunicação.

Quando a gente se comunica predominantemente com operários que na maioria nem terminaram o ensino fundamental, se tem que usar linguagem adequada para ele, uma linguagem que consiga reproduzir em forma de figuras e de gráficos, de fotos aquele conhecimento que se quer apresentar.

Então, a diversidade de que estamos falando neste debate traz problemas. Isto porque o conhecimento pode estar na cabeça da gente, mas é preciso buscar novas alternativas para transmiti-lo, senão não vai chegar naquele que, de fato, queremos atingir.

No meu entender, nas cidades, a gente encontra um indigente no meio da rua. Mas isto não é nem questão de gênero, de raça. Existe no Brasil um proletariado muito grande, a gente tem que saber trabalhar com ele na questão (voltando para a minha área) de moradia, ao que as pessoas estão sujeitas nas favelas. Mas voltemos aqui para dentro da nossa universidade. Penso que a gente tem que considerar essa questão da diversidade sim, só que temos que construir esses instrumentos...

Eu participei de debates, me convenci, me esclareci, mas infelizmente, nem todo mundo está esclarecido da necessidade da diversidade étnico-racial, da reserva de vagas de caráter social. Creio que é ponto pacífico, é um compromisso nacional que inclusive está no Congresso Nacional, para ser votado, isto aí. Mas a gente tem que estar construindo isto, o acolhimento dos diferentes.

Eu fui estudar a questão e constatei que, em Alagoas, tem reserva étnico-racial e reserva de gênero, 60% das vagas étnico-raciais são para mulheres. Por quê? Porque é aquela realidade, é aquele momento que eles estão vivendo lá.

Pedro – Eu gostaria de colocar a minha fala, especificadamente no final da pergunta formulada pela Petronilha. Ou seja, naquele ponto que indaga: o que fazer na universidade?

A nossa universidade, recentemente, por meio da Comissão responsável pela elaboração de projeto de Programa de Ações Afirmativas, lançou uma proposta que está em debate. Penso que seja essa a proposta que nós temos aí para efetivamente debater. Mas pessoalmente eu não sei se nós... Se essa seria, de fato, a melhor proposta para que a gente começasse a construir uma solução para o problema. Novamente, eu lembro que não sou especialista no assunto, mas falo como cidadão, obviamente como um acadêmico.

Eu avalio que tudo o que foi dito aqui foi muito válido, é real, eu concordo. Houve uma fala que sintetizou claramente que toda a questão de fundo é simples, que a diversidade é a excelência. Eu concordo em gênero, número e grau, até porque a genética estuda a diversidade e não seria o estudo da vida diferente do estudo do comportamento da sociedade. Nós somos... estas coisas estão muito relacionadas, então é óbvio se eu acredito na diversidade genética, eu acredito efetivamente na diversidade humana e sei que ela é fundamental. Portanto, para mim, essa frase resumiu toda a ênfase nesse debate.

Mas, por conta disso, refletindo sobre a proposta atual que nós temos aqui no *campus*, não me parece que ali se tenha previsto a forma melhor de se atingir essa diversidade. Talvez seja o caminho mais curto de pelo menos promover a abertura, e com isso, como disse aqui o Valter, criar um problema.

Eu também concordo que às vezes é preferível criar um problema para que todo mundo possa efetivamente repensar, encontrar soluções, mas talvez haja outros caminhos. Me ocorre agora, vou voltar rapidamente ao primeiro ponto que abordei nesta conversa e que no meu entender está no pensamento e na fala de todos que me antecederam, e que diz respeito ao conhecimento tradicional, à cultura que os povos tem e pela qual precisam de fato ser... não só reconhecidos. Mas precisam sobretudo ter a oportunidade de divulgar sua cultura àqueles que não a conhecem, precisam por meio dos conhecimentos que têm se engrandecer enquanto pessoa, enquanto homem.

É nesse sentido de busca da diversidade que eu realmente avalio não ser suficiente colocar uma *tabula rasa* e definir ou por nível social, ou por etnias ou por isto, ou por aquilo. Qual é o nosso percentual de cota por isto ou por aquilo? Eu acho que não é isto que nós devemos buscar. O caminho talvez seja mais difícil, mas eu preferiria trabalhar no sentido de identificar, neste país, quais são realmente os locais ou quais são de fato os pontos... Me desculpem está faltando a palavra agora... Teríamos de identificar aonde

está este conhecimento tradicional. Nós sabemos que as tribos indígenas têm conhecimento tradicional, nós sabemos que várias comunidades negras têm conhecimento tradicional importantíssimo.

Então, se a universidade talvez desenvolvesse mecanismos de identificar estes... quais seriam esses locais, esses lócus, e aí sim trazer esses lócus para dentro da universidade. Criar o problema porque nossos currículos realmente não são currículos capacitados/voltados para lidar com isto, nós vamos ter que resolver este problema. Mas criar o problema dessa maneira, realmente identificando esses lócus e trazendo para cá os seus representantes para que... não estou dizendo o representante aquele que é eleito lá, mas trazer para cá parte desta comunidade que possa realmente..., não levar conhecimento ocidental para lá, mas sim trazer para cá o conhecimento deles para que nós possamos ter uma excelência acadêmica diferente. Então, de proposta efetiva eu acho que... eu creio que seja muito difícil fazer isto, eu não tenho a solução. Mas eu penso que isso seria melhor do que simplesmente passarmos uma *tabula rasa* e dizer...

Me desculpem se falo de novo na genética e vou falar. A população brasileira é uma população miscigenada, sob o ponto de vista genético um número muito grande dos brasileiros tem genes negros, na caso da reserva de vagas para negros, qual é o percentual de gene negro que nós vamos definir? Se eu tiver 30% dos meus genes de origem negra ou 15% ou 5%, como é que nós vamos definir isto? Porque há algo.. uma quantidade... a miscigenação aqui é fantástica, isso é que nos faz um país talvez até melhor. Então eu acho que essa *tábula* ficaria complicada e eu acho preferível criar o problema aqui de outra forma, trazer de fato o conhecimento que nós queremos e precisamos.

Maria Stella – vice-reitora Eu queria dizer que, desde maio de 2005, quando foi constituída a Comissão de Ações Afirmativas (neste momento estou falando em meu nome, pessoal, exclusivamente) tem sido um privilégio conviver semanalmente com essa Comissão: Joeverson, Danilo, Chiquinho, Petronilha, o Valter, a Lúcia, a Tânia, a Patrícia, a Cristina e o Marco Zani.

O desafio tem sido não só discutir aquilo que cada um de nós compreende como diversidade, universidade, papel social da universidade, função social da universidade, excelência acadêmica, excelência que se pretende ou qualidade da universidade, mas também a discussão sobre as formas de tornar isto operacional. Como é que da discussão se passa para a operacionalização? E ao fazer isto, que risco corremos? Que benefícios temos?

Educação

Tem sido um privilégio poder aprender tanto neste período todo e por isto eu me arrisco, hoje, a algumas reflexões que são decorrência da participação nesse fórum e, também, do fato de ser professora de Psicologia do Desenvolvimento Moral que, obrigatoriamente, depara-se com as questões das diferenças individuais e, ao mesmo tempo, da produção de leis universais que possam responder pela trajetória do desenvolvimento humano. O desenvolvimento humano está calcado no repertório de alguém que é composto do seu plantel genético, mas um plantel genético que se transforma a partir do momento que esta criança sai do ventre materno e passa viver em sociedade.

Essas questões nos fazem refletir e, pelo andar desta Roda de Conversas, parece-me que está subjacente a idéia de que a excelência acadêmica perderia com a diversidade ou a excelência acadêmica ganharia com a diversidade. Mas aí a gente poderia dizer: excelência acadêmica versus diversidade; nós estaríamos colocando dois pólos para se contraporem. Eu acho que talvez a gente pudesse refletir em outras direções também, além daquelas que têm sido postas aqui.

Quanto a diversidade contribui para a excelência acadêmica? Na medida em que considero excelência acadêmica, estou falando basicamente de conhecimento. Se falar de conhecimento como uma entidade, como algo que está pronto e acabado e é dado a cada um absorver, eu estarei pensando de uma maneira em relação ao que a diversidade, a diferença, a contradição e a crítica podem trazer para este conhecimento que é produzido no cotidiano e acumulado por milênios.

Mas eu também posso pensar que o conhecimento ... é uma resultante da ação do homem. Se o conhecimento é resultado da ação do homem e o que a gente quer é o melhor conhecimento, quando a gente está falando de excelência acadêmica, provavelmente, a gente estará falando do melhor conhecimento. Se o melhor conhecimento é produto da ação humana, a diferença, a diversidade, a possibilidade de olhares diversos para os mesmos objetos é extremamente enriquecedora porque a gente vai ter a chance de, ao longo do tempo, trabalhar com o que vai resultar desta confrontação, que é a confrontação do produto da ação humana com a própria prática do homem. Trata-se da proposição da teoria e do seu confronto com o que acontece no cotidiano. Se a excelência acadêmica tem a ver com o conhecimento e com a apropriação desse conhecimento, e uma apropriação do conhecimento que não é por qualquer um, porque também é excelência acadêmica a formação da cidadania, a possibilidade da cidadania. Quando a gente fala da excelência acadêmica, da melhor

excelência acadêmica, eu me pergunto: será que a gente não está falando de equidade de oportunidades? Portanto, a gente está desviando o foco da discussão do que é melhor para o que é mais equitativo. Se equidade é um valor forte e se um dos valores da excelência é equidade de oportunidades, sinto-me a vontade para dizer: por que nós não vamos lidar com essa equidade já? Repito um pouco o que o professor D'Alkaim disse: por que nós vamos esperar para lidar com a equidade, se é uma universidade que quer a excelência, se é uma universidade que preza a excelência e a construção da cidadania? Nossa universidade tem repetido e tentado, mostrado isso. Outro aspecto que me chama muito a atenção é o reconhecimento da diversidade com valor positivo. Quando é assim, a gente não quer que os alunos, que os estudantes, que os cidadãos venham para a Universidade para serem iguais, para serem normalizados mediante uma regra que está posta de antemão. Mas a gente quer que eles venham para a Universidade para transformar esta Universidade, ou seja, para transformar esse conhecimento.

Para que esse conhecimento que é produto da ação de alguns seja produto da ação diversa de muitos. A gente tem que pôr o pé no chão, a gente sabe que universidade pública, neste país, é universidade de elite, é para poucos, são poucas vagas e teremos poucas pessoas, mas por que não a equidade neste corpo que, ainda assim, é pequeno? Então, acho que se a gente pensar no conhecimento como resultante ou produto e não como algo que está pronto e que a gente recebe pronto, sem poder tratá-lo e transformá-lo, se pensarmos nessa perspectiva as perguntas são: estamos raciocinando no bom caminho quando colocamos a excelência acadêmica para além das ações do nosso cotidiano, para além das nossas impossibilidades de receber os nossos co-cidadãos nordestinos e reconhecer a cultura que é peculiar... que é de um país? Então, como é que a gente vai lidar com isto tudo?

Eu sei que eu estou trazendo um pouquinho de farinha para este angu, mas nós temos sim esta diversidade no país. Este é um país continental, diferente de países da Europa. O contato com culturas diferentes é muito raro, as oportunidades são pequenas. Quantas oportunidades nós temos de conviver com a comida do Norte? Nós paulistas confundimos os nortistas com os nordestinos, para a gente é tudo o mesmo, centro-sul, norte-nordeste é tudo igual. Não é! Então, o reconhecimento da diversidade está muito mais próximo do que a gente pode imaginar. A necessidade de olhar e dizer: é bom ser diverso! É bom experimentar a cultura do outro, inclusive, para construir a sua própria identidade, é precioso. Construir a sua própria

identidade não é negar a do outro, é reconhecer diferenças. Criança pequena faz isto, o bebê com oito meses começa a reconhecer que ele é diferente do outro, que ele não é o outro, e, no entanto, precisa do outro, ele vive por meio do outro. Então eu acho que tem algo muito positivo neste debate, e que a gente precisa partilhar com a Universidade toda, que é mudar as referências; tenho clareza também que isso é uma mudança de mentalidade, ela não é rápida e ela não é fácil. Agradeço mais uma vez a oportunidade de estar partilhando com vocês dessa Roda de Conversa e de ter a oportunidade de continuar a fazer esses debates até quando tivermos que tomar decisões objetivas e concretas.

Valter – Eu não sou geneticista, mas por razão de ofício eu tive que ler alguns textos sobre a genética. O que eu acho interessante é que a genética esteve em dois momentos, no Brasil, normatizando o pensamento social. Num primeiro momento, no final do século XIX até a década de 1930, a genética assegurou que havia uma diversidade racial e que essa diversidade racial colocava a idéia de seres superiores e inferiores. Portanto, se construiu uma sociedade totalmente hierarquizada com base na posição da genética. No momento em que nós temos a possibilidade de reverter, socialmente, a construção da genética, ela passa, novamente, a interferir no debate através do principal geneticista do país para dizer que nós somos, geneticamente, todos iguais. Esta postura social da genética é extremamente importante e interessante neste momento do debate.

No início do século XXI, a genética passa a cumprir o mesmo papel que ela cumpriu no final do século XIX, de tentar normatizar o debate social. Isto é algo sobre o qual a gente tem que refletir profundamente quando ela assegura que um grande percentual dos brasileiros é geneticamente misto ou miscigenado. Este dado é fundamental para que a gente perceba o próprio condicionamento social para o desenvolvimento da ciência e das enunciações que a ciência faz nos momentos históricos, de todas! De todas as ciências! Mas eu estou chamando a atenção em relação à genética, porque a gente tem isto muito vivo. Não é a toa que o principal dossiê, dos últimos anos, sobre racismo no Brasil, lançado no final do ano passado, pela Universidade de São Paulo, na Revista da USP, abre com um artigo de um geneticista. Esta é a primeira questão.

A segunda questão é que eu não sei se concordo que nós vivemos em um paraíso racial. Eu acho que a idéia de democracia racial enquanto meta, é uma idéia de deve ser buscada. Agora, nós não vivemos em um país miscigenado em que todos temos as mesmas oportunidades, porque nós vivenciamos um certo gradiente em que nós vamos observar que o pólo

branco é considerado positivo e o pólo negro é considerado negativo, quanto mais próximo ao pólo negro, ou pólo preto se preferirem, mais difícil as possibilidades de mobilidade social. Não é a toa que o debate sobre cidadania passou a incorporar duas dimensões fundamentais.

A cidadania não pode ser pensada a partir de uma perspectiva assexuada, nem sem a possibilidade de considerar cor, raça. A cidadania contemporânea é pensada nesta chave. Só é possível a gente pensar cidadania, se nós incorporarmos a efetiva realização de direitos. Mulheres, negros e índios quando reivindicam estarem nas universidades, por direito, é exatamente porque não consideram que a produção de conhecimento feita nesses espaços públicos, alimentados por todo o público, seja espaço que gere conhecimentos que são do seu interesse. Quanto à própria produção do conhecimento, essa produção em relação às comunidades tradicionais vêm sendo feita na universidade há muito tempo. Há áreas no conhecimento dedicadas a isto, tanto na farmacologia quanto na antropologia nós vamos observá-lo. O problema é a maneira como esse conhecimento é instrumentalizado: nunca retorna, enquanto um valor, para as próprias comunidades. Ele é apropriado, instrumentalizado e utilizado para outros fins e não para a própria comunidade. Acho um risco, realmente eu acho um risco, se apropriar, ainda mais, do conhecimento dessas comunidades, por isto eu quero os membros dessas comunidades nos bancos universitários. Eu acho que, ao considerar a diversidade como valor maior, a universidade tem obrigação de se adaptar a essas comunidades e não o contrário.

O contrário sempre existiu, a ciência é produzida a partir das realidades cotidianas, não é uma abstração, não nasce das nossas brilhantes cabeças, a ciência é produzida a partir da observação do cotidiano, da produção do conhecimento que essas comunidades tradicionais, historicamente, fizeram. O problema é como este conhecimento pode ser revertido em benefício das próprias comunidades tradicionais. Só para a gente ter uma idéia, o próprio CNPq reconheceu isto quando lançou um edital para as comunidades quilombolas. O problema é: quem fará este trabalho e como este trabalho irá retornar? Parece-me que este é um impasse em que nós estamos colocados, no Brasil: se nós queremos efetivamente a pluriversidade, os membros dessas comunidades terão que estar aqui dentro, trazendo seus saberes e alterando nossa própria percepção de como operacionalizar saber. Porque nós sabemos operacionalizar saber para uma única visão, unilateral e unidimensional. Nós precisamos operacionalizar saber pluridimensionalmente e pluriversalmente. Este parece ser o grande

desafio para uma universidade se ela quiser efetivamente se transformar em uma instituição que atenda ao conjunto das populações existentes no estado nacional ou numa região. Penso que fazê-lo expropriando, novamente, não é o melhor caminho. Exatamente por quê? Esse caminho já se mostrou inviável do ponto de vista do retorno a quem nos alimenta. Parece-me, portanto, que a perspectiva colocada de construir a alteração da própria produção do conhecimento com aqueles que, historicamente, foram excluídos deveria ser uma meta também, tal como a construção da democracia. O que nós vivemos hoje é um paradoxo. O estado brasileiro, o estado nacional, vem se democratizando e a universidade não consegue seguir no mesmo ritmo porque ela não consegue se abrir para a diversidade.

Nara – A universidade tem se mostrado reticente à presença da diversidade social e étnico-racial, a não ser como objeto de estudo. Como redimensionar a excelência acadêmica? Como desconstruir, reconstruir e construir a excelência acadêmica incluindo as perspectivas históricas, culturais, econômicas, sociais, dos negros, dos indígenas e das pessoas dos grupos populares?

Joyce King – Agradeço a vocês que decidiram ficar, após o intervalo, apesar do adiantado da hora.

De certa forma, nós já falamos sobre essa questão antes. A idéia de a Universidade ter resistido à diversidade, a não ser como objeto de estudo, nos diz algo sobre a própria natureza da universidade. Como eu disse antes, temos de nos perguntar: para quem é a Universidade? Ao fazermos esta pergunta nós podemos abrir espaço, não apenas para outras perspectivas, mas para outras pessoas. Porque nós vivemos em um mundo muito capaz de fazer uso da cultura de outras pessoas, mas, ao mesmo tempo, deixá-las de fora. Nos Estados Unidos, nós dizemos que os americanos são culturalmente negros mesmo que eles não se dêem conta disto. No Brasil, isso é verdadeiro não apenas geneticamente como culturalmente. Vocês estão comendo comida africana, estão dançando danças africanas, cantando canções africanas, estão praticando religiões africanas, mas a universidade utiliza palavras diferentes para referir-se a isso. Então, quando nós lemos a respeito da cultura brasileira, muitas vezes o caráter africano simplesmente desaparece.

O Valter pergunta: quem fará este trabalho de tornar disponível o conhecimento de outras culturas? Vou formular a pergunta de uma maneira diferente: para quem é a universidade? Em minha própria experiência como uma pessoa oriunda das classes mais baixas dos Estados Unidos, quando

fui para a universidade percebi que era esperado que eu me tornasse uma outra pessoa. Viesse a falar de forma diferente, andar de forma diferente. Existe um corpo branco e eles esperavam que eu me tornasse esse corpo branco, pior do que isto, eu queria ser, queria tornar-me... para ser uma pessoa com educação, para ser uma pessoa aceita.

Eu concluí a graduação em 1965. Neste ano, havia uma aluna de pós-graduação na minha classe que me disse: “Muito obrigada porque agora eu sei que posso fazer uma pesquisa que interessa à própria comunidade”. Em 40 anos não mudou muito! Eu perguntei para uma aluna minha: “Para quem você vai fazer essa pesquisa se não é para a comunidade?” Ela disse-me que estava com medo, porque não tinha certeza de que isso não iria criar muitos problemas. Minha resposta a essa pergunta é outra pergunta: Como nós sabemos que a excelência acadêmica foi alcançada na universidade? É por que você passou no curso? Passou em alguma prova? Escreveu alguma tese?

A resposta tem de vir a partir de uma parceria com a comunidade. Darei um último exemplo. Há, na Washington State University, um programa de Estudos Nativo-Americanos, em nível mestrado em Administração Pública, dirigido a indígenas norte-americanos, com a finalidade de capacitá-los para exercer cargos públicos. Neste programa, dirigido por um profissional indígena, há um grupo de conselheiros composto por anciãos das próprias comunidades de onde os estudantes são oriundos. Este Conselho Nacional de Anciãos, formado por índios norte-americanos, decide se o aluno está pronto ou não para receber o diploma. Os alunos devem passar em todas as provas acadêmicas, mas também devem se reunir com esse Conselho Nacional de Anciãos e responder suas perguntas, para poder ser aprovados e ocupar um cargo de gestão (um cargo público) nas reservas indígenas.

O que tem acontecido com a educação é o que um pesquisador denominou de processo de subtração: você vai para a universidade e deixa você próprio de fora. Nós estamos falando do patamar mais alto de aprendizado e de conhecimento: a universidade. Logo, quando você for para a universidade, se você for por inteiro, levando a si mesmo por inteiro, você voltará da universidade com mais do que quando você foi.

Mwalyimu – A idéia que a professora Joyce acabou de mencionar, de ir para a universidade e de se deixar de fora da universidade, é uma idéia crucial para estar sendo discutida aqui, porque a universidade não quer receber aquilo que as pessoas têm para trazer, não quer receber as pessoas por inteiro.

Desculpem, se não consigo manter a continuidade do raciocínio, por causa da fala tão cortada, para que o Fábio possa, na seqüência, fazer a tradução... Se a minha educação não tivesse sido tão limitada... pois foi e eu só falo inglês, não falo português... Esta situação que estou vivendo aqui, serve para exemplificar uma das formas de hegemonia cultural e política que impera na universidade, na sociedade, segundo a qual não é importante você ser capaz de se comunicar com outras comunidades. Nos Estados Unidos, as pessoas se chamam de americanas e negam o fato de que a América é um continente com vários países. Uma idéia que apareceu aqui é a de que somente quando sabemos em que sociedade desejamos viver, podemos saber que educação queremos, de que universidade necessitamos. Neste contexto, a idéia de se desconstruir o entendimento de universidade está relacionada à formulação de questões que desafiam pressuposições que nós temos a respeito da universidade, idéias que nós temos sobre a universidade.

Eu ouvi Paulo Freire dizer, em uma palestra nos Estados Unidos, que tudo o que seres humanos tenham construído, pode ser desconstruído. A universidade é uma dessas construções, ela foi feita com o intento de preservar uma determinada visão de mundo, uma certa forma de conceber o mundo. Neste sentido, é muito difícil mudar a universidade, porque a própria universidade tem seus mecanismos de defesa que a protegem da mudança. Isto não significa que não haja necessidade de mudança, apenas que esta mudança será difícil. Uma coisa que nós estamos fazendo aqui, hoje, que, no meu entender é um mérito, é pôr em questão, as nossas pré-concepções a respeito do que seja a universidade. Conseguimos, também, demonstrar que existem outras formas de conhecer, outras formas de saber que não são as acadêmicas e podem ter seu lugar na universidade. Entre os aspectos discutidos, os questionamentos feitos, um diz respeito a outras formas de conhecimento não consagradas pela academia e que por isso são simplesmente aparadas ou reelaboradas de maneira a nela se encaixar. Questionamos também se a universidade será capaz de se transformar para acolher tais formas de conhecimentos e integrá-las ao conceito de excelência. Este é um trabalho de reconstrução da universidade. Precisamos perguntar: “Se não formos nós, quem o fará?” A habilidade de reconstrução está ligada ao processo de desconstrução. A desconstrução e a reconstrução de nosso entendimento de Universidade é um processo que gera novas possibilidades de conhecimentos. Estes novos entendimentos permitem pensar sobre novas formas de construir a Universidade, construir novas concepções e novas formas de acesso ao conhecimento, tornando a

Educação

Universidade capaz de captar, compreender, aceitar novas formas de conhecimento. Muitos exemplos dados no dia de hoje são exemplos de ações que já foram ou que estão sendo implementados em universidades. Nenhuma destas soluções, por si só, representa uma solução auto-suficiente, mas é parte de uma nova construção da universidade.

Sheyla – É algo muito sério o que a gente está discutindo, que é a diversidade como objeto de estudo. Como eu falei, não sou da área, sou curiosa, fui ler, fui estudar porque em tudo o que gosto de participar, gosto de entender. Sempre que estudei, as referências que a gente acha são o professor Valter e a professora Petronilha, são os grandes estudiosos, que nós temos aqui na universidade, que estão discutindo este assunto no Brasil. Outras universidades já pegaram os artigos e os textos dos seus trabalhos e já têm implementado a diversidade racial há muito tempo. Enquanto a gente está discutindo na nossa universidade, na Universidade Federal de São Carlos, a gente pode perceber que no Brasil esse movimento, esta conscientização em relação à questão da Ação Afirmativa vem acontecendo aos poucos. A gente vai vendo que não é tão reticente assim a percepção das universidades. Algumas já começam a fazê-lo e de forma até bem produtiva e com muitos resultados positivos, que, inclusive, podem ser trazidos e colocados para nós.

Na Universidade Federal de São Carlos, agora é que a gente está discutindo. Quando pensei sobre isso, pensei em vocês dois, pensei: como eles devem estar se sentindo? Há aquele ditado “casa de ferreiro, espeto de pau”, também pensei em outro, “o profeta nunca é ouvido na sua terra”, “santo de casa não faz milagre”. Fiquei pensando nas perspectivas históricas. Como trazer esse material, esses estudos que eles têm feito, para nossa universidade? A gente tem procurado colocar, na discussão do nosso grupo, alguns elementos bem práticos, que levem ao que a professora Joyce falou. Para que o aluno fique inteiro aqui na universidade, ele não pode ficar preocupado com o leite que vai ter que dar para o filho dele porque muitos, às vezes, vão estar aqui... No momento em que a gente abrir para cotas, nós vamos estar criando outro tipo de alunado, a gente vai estar convivendo com outra realidade.

Quando eu cheguei em São Carlos, como eu já falei, sou oriunda da Universidade de Juiz de Fora, no estado de Minas. Lá, 90% dos alunos são da minha cidade, aqui é o contrário, 10% são da cidade. A gente tem que estar fazendo política..., deveria estar fazendo há muito mais tempo, política afirmativa para os jovens daqui. Por que a Universidade não faz um outdoor

e divulga aqui na cidade, é só universidade privada que precisa fazer propaganda? Ou a gente precisa também estar mostrando para o jovem que pode fazer a universidade. Mas, às vezes, a gente tem que estar mostrando para os jovens, de outros locais da nossa cidade, para que eles possam acreditar que podem vir fazer aqui seus estudos superiores. É uma realidade que a gente tem aqui na nossa universidade, que a gente precisa estar buscando. O jovem que está aqui na cidade teria condições melhores, às vezes até econômicas, de sobreviver, de poder estar inteiro dentro da nossa universidade, do que aquele que fosse de fora, que tivesse que estar num alojamento, tendo de conviver em um ambiente diferente, um ambiente da diversidade, não só a diversidade social. Estar fora de casa para um jovem de 18 anos é muito difícil, ele está saindo da barra do pai e da mãe, a gente tem que pensar no aspecto que a professora falou, da Psicologia, também. Eu queria dizer, para agradecer o convite de estar aqui, a oportunidade de estar aprendendo, de estar discutindo, que a gente tem uma responsabilidade paternal ou maternal com esses jovens que a gente quer colocar dentro do Programa de Ações Afirmativas. Por quê? Porque eu sou mãe e fico assim preocupada com o futuro que a gente quer dar aos filhos. Então a gente tem que ter uma responsabilidade em relação a esse jovem por inteiro, indo nesta direção que a professora Joyce falou. A gente tem que criar aqui condições econômicas, acadêmicas.

A Universidade tem sua responsabilidade de estar, não tutelando, mas acolhendo esses jovens e dando-lhes condições para que fiquem aqui por inteiro. Obrigada pela oportunidade.

Valter – O professor Mwalymu demonstrou muito claramente que acha que sua formação tem algumas lacunas porque não fala português. Aqui no Brasil, especialmente nesta universidade, um dos critérios para entrar em alguns cursos de pós-graduação é saber inglês, não precisa saber português (risos). Isto indica uma certa inversão de que o local, o saber local, não é tão importante quanto nós imaginamos. Imagina isto estendido, para transmitir conhecimentos em comunidades tradicionais.

Quero dizer que a diversidade propicia a possibilidade de falar em diferentes linguagens, que isso é importante, tem que ser considerado como valor, mas também em termos da produção do conhecimento. E aí eu queria me recordar um pouco de um autor que eu tenho estudado um pouco, lido um pouco, que se chama Bicu Parek. Também, não faz parte dos autores lidos aqui, ele é hindu, da ampla comunidade hindu que fala inglês e, portanto, é um cientista político que já passou pelas principais uni-

versidades do mundo, inclusive, Harvard, mas que nós ainda não tivemos a oportunidade de lê-lo em nossos cursos de Ciência Política ou de Sociologia.

Este autor, num livro chamado “Repensando o Multiculturalismo”, chama a atenção, em um de seus capítulos, para uma discussão entre os asiáticos sobre a Declaração dos Direitos do Homem, nas suas perspectivas... os asiáticos e a Declaração dos Direitos do Homem. Para o que ele chama atenção? Ele chama atenção para o fato de a Declaração dos Direitos do Homem ser uma declaração feita por ocidentais, dentro de uma lógica ocidental que desconsidera a idéia de comunidade.

Ora, ao desconsiderar a idéia de comunidade está se desconsiderando a idéia de que nem todos os grupamentos humanos organizam-se a partir da idéia de indivíduo. Portanto, muitos dos problemas que temos no interior da universidade é que aqui chegam jovens que de fato não sabem muito bem o que querem, mas que vêm com uma experiência comunitária, muitas vezes, com uma experiência de comunidades mais amplas, e que aqui são obrigados a deixar sua condição comunitária e sua própria experiência humana para saírem profissionais. Então, nós formamos engenheiros, nós formamos pedagogos, nós formamos sociólogos e só isso. Nós não formamos homens e mulheres que vão exercer esses saberes a partir de sua condição de homem e de mulher.

Além disso, nós formamos indivíduos que não precisam retornar qualquer tipo de conhecimento para a comunidade, porque a concepção é totalmente centrada no eu. Tanto é que a mensuração, do ponto de vista da excelência acadêmica, é quantos *papers* cada um de nós produz ao longo da carreira. Isto está em questionamento... se nós não conseguirmos reverter essa tendência, colocar a diversidade enquanto um valor e trazer para a universidade conhecimentos outros que se estruturam a partir da idéia de comunidade; mas não a comunidade científica que individualiza e atomiza o conhecimento, que torna-o fragmentos que são realizados por indivíduos. Eu realmente espero que a gente possa, no caso desta universidade, a partir deste evento, levar em consideração que outros grupos tem outras formas de se organizar e que a questão do indivíduo não é central, mas sim a questão da comunidade...

Talvez uma das diferenças que nós encontramos, pelo menos num núcleo desta universidade, é que nós nos organizamos muito mais a partir da idéia de comunidade do que a partir da idéia de individualidades que produzem conhecimentos para si próprios, muitas vezes sem perceber, sem ter o retorno da comunidade.

Educação

Eu penso que daí vem a resistência da universidade, no Brasil, de sofrer qualquer avaliação que não seja dos seus pares. Eu acho que o que está colocado, é exatamente o que destaca a professora Joyce, ou seja, a importância da avaliação da comunidade e sobretudo daquelas comunidades que, historicamente, estiveram excluídas de qualquer acesso ao conhecimento que lhe é retirado, mas que não lhe é retornado. Eu acho que é isto que está em jogo neste debate, hoje, no Brasil.

Hassimi – Eu queria desenvolver e ilustrar a partir daquilo que o Valter falou. Ele falou sobre quem fará o trabalho de redimensionar a excelência acadêmica e mencionou que você precisa falar mais de uma língua. É muito importante que se diga, com toda a ênfase, que ninguém vai ser encarregado desse trabalho, ninguém vai ser eleito para fazê-lo. Este trabalho depende de engajamento pessoal como professor, como pesquisador, como alguém preocupado com a situação dos alunos. Vou falar da minha própria experiência. (Mostra o desenho de um diagrama e aponta seus elementos). Este é o diagrama, um esquema, este é o símbolo da mulher em minha própria língua, songhoy, do Mali. Aqui se tem o símbolo do homem, ali o símbolo de Deus. Esta é uma entidade que é meio homem e meio deus, que está entre o mundo dos homens e o mundo divino. Este aqui é o instrumento de produção, para sobreviver no planeta Terra. Isto é a origem da cosmologia do Mali. Este é também a origem do sistema de escrita. Vocês verão que este signo quer dizer escrita do homem e escrita da mulher. No século XVI, no Mali, houve um imperador Askya Mohammed que difundiu a religião muçulmana, a tornou a religião do Estado de Songhoy. Os muçulmanos instruídos recebiam os postos mais destacados do império e eram conselheiros dos imperadores. Eles escreveram manuscritos, alguns dos quais fazem parte da biblioteca da universidade de Tombouctou, que se desenvolveu no Mali, tendo atingido seu apogeu no século XVI. Assim sendo, até hoje no Mali, nós temos que entender e falar árabe. Quando estive na escola, alguns livros didáticos eram escritos em árabe. Muitos dos nossos pesquisadores e intelectuais sabem ler e escrever em árabe.

Em 1887, a partir desta data, ocorreu o domínio francês em Mali. Nós tivemos que aprender francês, árabe e songhoy. Você tem que saber mais de uma língua. Uma pessoa com toda a formação que traz a aprendizagem de línguas pode não ter um diploma universitário, ser apenas alfabetizado em songhoy. Eu tive sorte suficiente para aprender francês, inglês e, também, conhecer e escrever em três línguas africanas.

Educação

O conhecimento que você vai utilizar hoje está enraizado primeiramente na sua vida e isto é o que a escola não está valorizando. É importante saber como nós fomos educados, saber a respeito daquilo que nós sabemos. Se nós não sabemos como fomos educados, não seremos capazes nem de desconstruir e nem de reconstruir a universidade.

É fundamental que as pessoas se voltem para a sua própria língua, sua própria experiência para recuperar aquilo que elas tinham antes de ingressar no sistema de ensino escolar, universitário. Vou dizer a última frase: é importante para qualquer pessoa saber a língua, a cultura, os costumes tradicionais de onde veio. Porque sem esse conhecimento permaneceremos nus e sem defesa perante o mundo.

Joyce – (Aproxima-se da Petronilha e entrega-lhe um livro). Há muitos anos tenho vindo para o Brasil e, também, vários colegas o têm feito. Em nome, não apenas do trabalho que você tem feito para o Brasil, mas do trabalho que você tem feito por todos nós, pela comunidade negra internacional, estou entregando-lhe este livro. O livro intitula-se “Ensinando as Crianças Negras: Sete Construções de Ensino Real em Escolas Urbanas”.⁵ As escolas urbanas, nos Estados Unidos, são às vezes como escolas de favelas. Este livro foi escrito por professores universitários, professores dessas escolas e a comunidade, trabalhando juntos para produzir este conhecimento. Eu penso que isto simboliza o trabalho da professora Petronilha.

Petronilha – Eu agradeço muito a Joyce. O professor Pedro Galetti gostaria de falar?

Pedro – Na verdade, eu gostaria só de reiterar os meus agradecimentos, a grande oportunidade de ter presenciado e vivenciado este momento. Eu preferia até ouvir falar mais, agora, e deixar o meu tempo para que vocês possam concluir a fala.

Petronilha – Obrigada. Eu tenho três inscritos: o Chiquinho; o Casemiro Pascoal da Silva que é da USP de São Carlos, conhecido e importante militante do movimento negro de São Carlos e depois o professor D’ Alkaim. Nesta ordem então, pode passar o microfone, faz favor.

Chiquinho – Há tantas idéias, mas eu vou tentar sintetizar. Eu acho que no primeiro ponto que a gente discutiu, de certa forma nesta Roda, conseguiu-se, pelo menos, construir um consenso em torno da idéia de

excelência acadêmica ou qualidade acadêmica: crescer com a diversidade. Quer dizer, a diversidade como um passo tanto para a qualidade quanto para a excelência acadêmica.

Eu acho que, com relação ao segundo ponto, a gente, também, conseguiu ir na direção de que a excelência acadêmica tem sido avaliada fundamentalmente por padrões ideológicos e muito menos pela contribuição de cada comunidade sobre o quê é excelência acadêmica. Eu penso, entretanto, que para este último ponto em discussão, a gente corre um enorme risco. Quer dizer, o risco que a gente tem, de um lado, é de trazer o diverso para a universidade enquanto objeto.

Enquanto objeto, ele não vai ser parte da universidade, no sentido de contribuir para a construção de um saber universal. Eu estimo que daí decorra a idéia universalista da universidade, ela tem que dar idéia de saber universal. Portando, ele não vai contribuir, mas vai dar uma idéia de descartável. Dizendo de outro modo, a gente traz para a universidade e extrai tudo o que ele tem de conhecimento e depois joga fora porque já pegou o que se julga essencial desse conhecimento.

Isto coloca, para nós, uma outra dificuldade, cada vez mais presente no Brasil, que são os movimentos sociais organizando as suas próprias universidades.

O MST criou a sua universidade. Há iniciativas de outros movimentos sociais criando, há uma iniciativa quilombola de, também, criar uma universidade, os índios e várias etnias de índios, igualmente, de criarem sua própria universidade. Isto coloca um desafio e tem uma história: se a gente não se aproxima do diverso, o diverso também não vai se aproximar de nós. Portanto, a gente pode ter um conhecimento muito menos compartilhado no sentido da construção desse conhecimento universal. Então, eu avalio que este é um dos desafios que esta terceira questão posta para o nosso debate, nesta tarde.

Casemiro – Assistindo a este debate, sou levado a dizer que ele é fruto de uma trajetória de aproximadamente 30 anos do movimento negro desta cidade. O fato de nós estarmos discutindo aqui a questão racial, com personalidades importantes, nacional e internacionalmente, faz-me lembrar de pessoas, que fizeram parte dos quadros desta universidade, como o, sociólogo, teatrólogo, Professor Eduardo Oliveira Oliveira, prematuramente desaparecido. Lembro também do então aluno Valdemar, que foi o primeiro aluno negro desta universidade, um dos primeiros do curso de Enfermagem e que trouxe, na década de 1970, para esta Universidade, para esta cidade, para este país, a discussão da anemia falciforme. Esse era um negro, porta-

dor da anemia falciforme e ele inaugurou, naquele momento, esta discussão de fundamental importância para que nós produzíssemos políticas públicas na área da saúde, nas quais a realidade negra fosse contemplada.

Na década de 1970, particularmente em 1979, Eduardo Oliveira Oliveira, sociólogo negro, (do qual, prematuramente desaparecido, temos o grande prazer de ter o acervo bibliográfico e documental doado à Universidade Federal de São Carlos),⁶ já trazia a discussão no sentido de esta universidade, a UFSCAR, ser pioneira para alavancar essa discussão de fundamental importância, nos dias de hoje. Desde aquela época, era posta na pauta das discussões de estudantes e professor negro desta universidade a problemática da apropriação do conhecimento, da apropriação da cultura, do saber africano pela universidade, mantendo-se ela distante da comunidade negra. Da importância da comunidade negra estar presente no interior da universidade. E nós estamos assistindo, nesta tarde, parte da realidade concreta e objetiva desse nosso sonho.

Hoje, estamos aqui assistindo um debate dessa questão polêmica que são as ações afirmativas ou a cota para os negros na universidade. Minha preocupação particular é que quando esta discussão foi implementada, neste país, a reação da elite política, intelectual foi manifestar sua oposição e trazer a discussão da excelência para a universidade. Então, este momento faz pensar. Quantos anos este país demorou para reconhecer a existência do líder negro chamado Zumbi dos Palmares? 300 anos. O Zumbi foi assassinado em 1695, dia 20 de novembro, e dia 20 de novembro de 1995 este país reconheceu uma figura histórica importante deste país, um negro. Nós temos toda a calma do mundo. Uma raça que resistiu a 500 anos de opressão e escravidão tem toda a calma do mundo.

Nos dias de hoje, o que está colocado em debate é se este Estado, este país, as universidades públicas querem ver mais negros nas universidades! O que está sendo está sendo posto em questão aqui é se este país, se este Estado, se essas universidades gostam dos negros! Não é papel, não é tarefa do movimento negro discutir excelência, porque se a universidade existe até hoje, evidentemente, está cumprindo seu papel de excelência. A discussão sobre cotas e ações afirmativas é uma estratégia ou é mais um jogo? Temos que atentar para as elites, que estão incrustadas na universidade, que tentarem minar este projeto. Esta é a pergunta que eu deixo para o debate, como contribuição.

Considero uma indagação positiva a preocupação genética; contudo, deveria ser colocada uma *tabula rasa* nessa discussão genética, então não

quero nem entrar, não quero polemizar. Também há outra questão que acho positiva, porém polêmica. Entendo a posição da Sheyla por ser nova nessa discussão, mas as famílias negras tem por tradição histórica, metodológica, sociológica e política serem sempre numerosas, porque nós temos que ser numerosos para subsistir, para lutar por nossos objetivos. Os vários negros que chegaram na universidade são oriundos de famílias negras numerosas, porque para manter aquele que tinha a oportunidade de ingressar, os demais ficavam trabalhando, para poder assegurar o lugar daquele negro na universidade. Assim foi comigo, assim foi com o Valter, não foi com a Petronilha porque não teve família numerosa, assim foi com o Edson da Universidade de São Paulo de São Carlos. Essa forma particular de resistência foi um aprendizado, foi um legado das senzalas, porque nós tínhamos que subsistir, era nosso lugar de valor, nosso refúgio. Então, essa sua preocupação: o que nós vamos fazer com esses pretinhos, agora vão chegar tão fraquinhos, será que eles vão subsistir? Eu entendo a sua preocupação.

Sheyla – Os pobres...

Casemiro – Aqui nós não estamos falando de pobres, aqui nós estamos discutindo questões de pretos. Nós estamos discutindo como os negros vão entrar nesta universidade e, ao dizer isto eu não sou racista não, eu sou favorável aos negros. Minha vida toda foi ligada à luta contra da discriminação de qualquer tipo, racial, de gênero, enfim... Então, este discurso, este diálogo que estamos estabelecendo aqui aponta para a necessidade, inclusive, de repensar. Porque se esta universidade realmente quiser implementar ações contra a discriminação racial, contra a exclusão do negro na universidade, é necessário repensar. Estas pessoas que estão aqui terão que, necessariamente, buscar literatura para poder inaugurar um novo aprendizado e discutir cotas. Trazer mais negros para a universidade pública é inaugurar um novo patamar de aprendizagem e todos irão aprender com a diversidade. Essa discussão me assusta porque esse negro que vai entrar na universidade é diferente. Será diferente, na atual comunidade, ou será um novo estranho? São estes os cuidados que nós temos que ter também; nós vamos adentrar a universidade e permanecer com nossa diferença, não inaugurando uma estranheza para a comunidade atual.

D'Alkaim – Eu lamento ser o último, não gostaria de ser o último. Eu quero falar de outro aspecto que está relacionado com isto. Toda esta discussão não pode ser posta fora. Não falo das ações afirmativas, já me

manifestei, me manifestei porque considero que temos de implementá-las. Mas falo da discussão sobre: para quê universidade? Para consolidar a classe dirigente?! Por Deus! E sempre foi este o papel da universidade, nós queremos lutar contra isto. Mas para tanto, temos que ter claro o que queremos. Se nós não colocarmos isto no nosso discurso, esta importante intenção, não vamos muito longe. Até vamos fazer uma ação afirmativa, vamos abrir as portas e não queremos que aqueles que vão entrar sejam massacrados. Vou dar um exemplo de como isto se produz.

Valter dizia que, muitas vezes na universidade, se valoriza mais o inglês que o português. Ora, se você quer que formar um químico, um físico ou um engenheiro, eles precisam saber inglês, porque toda a literatura que vão necessitar para resolver os problemas, na sua profissão, está em inglês. Quando tem em espanhol ou em português está mal traduzida, porque quem a traduz não é quem trabalha. Porque quem trabalha, não publica, não tem tempo. Então sempre me esforço para que meus alunos aprendam inglês, senão, quando entrarem no mercado de trabalho serão considerados profissionais de quinta categoria.

Concluindo, indago: Como é que as ações afirmativas devem discutir a estrutura de poder, que nós temos? Não podemos desconhecer que qualquer programa de ações afirmativas põe à tona relações de poder e levanta questões como: Por que o povo que mantém a universidade tem de ficar fora dela?

Petronilha – Agradeço, às professoras Maria Stella e Tânia, às secretárias Odila e a Andréa que criaram as condições necessárias para o sucesso desta Roda de Conversas, enquanto nós do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros participávamos do IV Congresso de Pesquisadores Negros, em Salvador. Agradeço a todos que se dispuseram a vir até aqui conversar conosco. Eu espero que este tenha sido o início de uma discussão e que ela venha a ser cada vez mais construtiva. Agradeço também a PUC do Rio Grande do Sul na pessoa da Prof^a Dr^a Nara Maria Guazelli Bernardes. E agradeço particularmente a Nara que teve a idéia inicial, a partir da qual organizamos esta tarde de conversas, tão interessante, rica e provocante. Tudo o que foi dito vai nos fazer continuar pensando. MUITÍSSIMO obrigada a todos os presentes e que continuemos conversando.

¹ O Programa de Ações Afirmativas da UFCAR foi aprovado em 1º de dezembro de 2006 pelo Conselho de Ensino e Pesquisa e pelo Conselho Universitário para vigorar a partir do vestibular de 2008.

² Obra publicada em 1997 pela UNESCO.

³ (1923-1986).

⁴ A coleção foi publicada pela Ática.

⁵ GOODWIN, Susan; SWARTZ, Ellen. **Teaching children of color; seven constructs of effective teaching in urban schools**. New York: RTA Press, 2004.

⁶ A coleção Eduardo Oliveira Oliveira se encontra acervada e disponibilizada na Unidade Especial de Ensino, Pesquisa e Extensão – *Informação e Memória* – do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar (www.ueim.ufscar.br).